

A photograph of an elderly couple walking away from the camera down a path covered in fallen autumn leaves. The woman is on the left, wearing a long, light-colored, textured coat and dark boots. The man is on the right, wearing a dark jacket and light-colored trousers. They are holding hands. The path is lined with trees whose leaves are in various shades of orange, yellow, and brown. The lighting is warm and golden, suggesting late afternoon or early morning. The overall mood is peaceful and nostalgic.

INCERTEZAS
de OUTONO

GARY CHAPMAN
CATHERINE PALMER

GARY CHAPMAN
&
CATHERINE PALMER

INCERTEZAS
DE OUTONO

Traduzido por MARIA EMÍLIA DE OLIVEIRA

1

— **O outono¹ sempre traz mudanças** a Deepwater Cove — disse Charlie Moore, acomodado na cadeira do salão de beleza Assim Como Estou, de Patsy Pringle. — E nem sempre a mudança é boa.

— Ora, pare de falar assim, querido — Patsy repreendeu-o, limpando-lhe a nuca com um pincel. — Principalmente numa tarde de sexta-feira de meu mês favorito. Não há nada como um fim de semana de setembro para levantar o astral de uma mulher. E não vou deixar você me pôr para baixo.

Patsy terminou de remover os fiozinhos de cabelo cortado da nuca de Charlie e girou a cadeira do cliente para que ele pudesse se ver no espelho.

Charlie checou para ver se suas costeletas estavam igualadas; em seguida, aprovou com a cabeça.

— Belo trabalho, Patsy. Você sempre me deixa mais bonito.

Ela sorriu e deu um tapinha no ombro dele.

— Acho que este outono vai ser um dos mais belos de todos esses anos, Charlie. As folhas já estão começando a mudar de cor, e há uma brisa deliciosa vinda do lago. Não sei por que você reclama desta estação.

Charlie sacudiu a cabeça.

— É a história, Patsy. Considere nossa história. Um ano atrás, o último filho dos Hansens partiu para a faculdade e, bom... você sabe que a situação ficou bem difícil para Steve e Brenda.

— O que mais aconteceu no outono, Charlie? — ela perguntou. — Sou dona deste salão há séculos, e não me lembro de nenhuma história ruim.

— Você é assim, Patsy. Uma eterna otimista. — Ele recostou-se na cadeira, ajeitou os óculos e começou a explicar. — No último outono, houve o problema do casal Hansen. No ano retrasado, uma epidemia de gripe levou duas viúvas daqui, uma em setembro e a outra no início de novembro, pelo que me lembro. E não esqueça que a pizzaria faliu, aquela agência bancária foi fechada e o novo bar instalou-se aqui. Tudo isso aconteceu assim que o verão acabou.

— Bom, tenho de admitir que não sou fã do Bar do Larry. Por que os bares nunca vão à falência? Isso me irrita — Patsy declarou, tirando a capa dos ombros de Charlie e ajudando-o a se levantar da cadeira. Se ele não a conhecesse bem, poderia pensar que ela o estava mandando embora.

Charlie dirigiu-se à caixa registradora.

— Concordo com você em relação aos bares, Patsy. Muitos rapazes desperdiçam dinheiro e a melhor parte do tempo deles ali. Nunca entendi por quê.

— E não se esqueça das cores do outono — Patsy disse. — Conheço pessoas que adoram viajar para ver a mudança de cor das árvores na Costa Leste e, mais ao norte, no Canadá, mas por que cargas-d'água não enxergam o que existe aqui? O Ozarks tem as mais belas cores do outono que Deus poderia ter pintado numa árvore.

— O tom vermelho das folhas do sumagre — Charlie disse, guardando a carteira no bolso. — É um tom que não se vê com frequência na natureza.

— Entendeu o que quero dizer? O outono é uma época maravilhosa do ano.

Charlie deu uma risadinha.

— Reconheço que você tem razão, Patsy. E mais: a maioria dos turistas foi embora, e não temos de aguentar todos aqueles fogos de artifício, barcos velozes e confusões no bar.

— Adoro o entusiasmo e o divertimento dos turistas de verão, mas não fico triste quando vão embora. Há uma sensação de paz em volta de nós, apesar de ainda termos muita coisa que fazer: festas de outono, eventos de captação de recursos, passeios de charrete promovidos pela igreja. Além das festas de volta às aulas, do *Halloween*, do Dia de Ação de Graças...

— Concordo, concordo — Charlie interrompeu confuso, levantando a mão. — Se eu continuar aqui por mais tempo, você vai falar até me convencer, Patsy. Eu estava apenas curtindo um pouco de melancolia e pessimismo, mas você está pondo tudo a perder. — Ele encolheu os ombros. — Você me venceu com todo esse blá-blá-blá. Não tenho escolha, a não ser ficar de bom humor, o que significa ir para casa e contagiar Esther, que deve estar louca para tagarelar e encher meus ouvidos.

— Esther deve chegar daqui a uns vinte minutos para arrumar o cabelo, como faz todas as semanas — Patsy disse. — Aliás, fiquei surpresa por vocês não terem vindo juntos.

— Não vou passar por essa provação de novo. Fiz isso uma vez e, pode acreditar, foi o bastante. Acho melhor ir para casa e cuidar de minha horta.

Patsy suspirou enquanto o analisava.

— Charlie, quero que você saiba que todas as vezes que o vejo com Esther, sinto que há esperança para o mundo. Vocês são muito generosos e prestativos... e extremamente doces um para com o outro. Há quanto tempo estão casados?

Charlie coçou a nuca.

— Bom, preciso calcular. Logo vou completar setenta anos, e nasci em... — Ele fez uma pausa e olhou para o teto, como se os

números estivessem escritos lá. — E casamos em... hummm...
— Mais cálculos. — Que coisa! Estamos chegando perto dos cinquenta anos de casados e nem percebemos. Quem diria?

— Vocês são um exemplo maravilhoso para nós — Patsy disse.
— Se eu me casar um dia, vou querer ter um lar tão feliz quanto o seu e de Esther.

— Você faz as coisas parecerem perfeitas — Charlie esticou o braço por cima do balcão e tocou o nariz de Patsy como se ela fosse uma criança. — Você sabe muito bem que não é assim, garota.

Ela riu.

— Acho que sei, mas não consigo imaginar vocês brigando.

— Veja bem, Esther e eu temos nossos altos e baixos. Mais momentos bons que maus, porém nos esforçamos muito para que seja desse jeito. Você já ouviu falar que os opostos se atraem? Conosco é assim. Ela gosta de falar, e eu prefiro ler um livro ou assistir à TV. Eu madrugo, e ela dormiria até às oito ou nove horas se não tivesse que preparar meu café da manhã, ainda caindo de sono. Somos uma mistura de sol e chuva. Ambos são necessários para fazer as plantas crescerem.

— **Estou atrasada**, estou atrasada! — Esther enfiou o braço pela alça da bolsa enquanto corria até a cozinha. — Cody, onde você colocou aquela pilha de correspondência que deixei na mesa perto da porta?

— Correspondência? — Em pé diante da pia, Cody virou-se e parou de esfregar a frigideira esmaltada que Esther usava para fritar peixes pequenos. — Correspondência é o mesmo que cartas? Porque li num livro que correspondência tem a ver com correspondente, que é a pessoa encarregada de escrever a correspondência. E tem também o correspondente de guerra, que é o repórter

encarregado de escrever sobre a guerra para um jornal, e a palavra correspondência também rima com falência, que significa...

— Estou falando de cartas — Esther gritou. — Há menos de meia hora, eu deixei uma pilha de envelopes na mesinha da sala de estar, e eles sumiram.

Misericórdia! Esther gostava muito de Cody Gross, mas às vezes o rapaz tinha o poder de deixá-la desarvorada. Cody aparecera em Deepwater Cove na última primavera, desabrigado e maltrapilho. A partir de então, ele passou a limpar as casas e lojas da vizinhança — ganhando um salário mínimo e aumentando cuidadosamente sua conta poupança. Depois de passar o aspirador, espanar e arrumar a residência dos Moores, ele quase sempre passava a noite num dos quartos da casa. Esther e Charlie gostavam de sua companhia.

— Na mesinha ao lado do sofá — Esther esclareceu. — Esta tarde, Charlie pagou nossas contas antes de ir cortar o cabelo. Depois, escrevi um cartão de aniversário para um de meus netos e outro para Opal Jones, desejando-lhe boa recuperação. Selei os envelopes e os deixei ali, perto da porta. Para onde você levou a correspondência, Cody?

Ele piscou. Seus olhos azuis brilhavam sob o sol da tarde que entrava pela janela da cozinha.

— A senhora não precisava colocar um selo no envelope de Opal. Ela mora do outro lado da rua, três casas abaixo. Eu posso levar o cartão e entregar a ela.

— Eu sei, mas Charlie e eu colaboramos com os correios, porque... — Esther parou de falar com um resmungo de frustração. — Cody Gross, onde você colocou minha correspondência? Se eu não postar aqueles envelopes a tempo, Charlie vai ficar louco de raiva. Significa que vou ter de bater na porta dos fundos do correio e apelar à memória de que Charlie foi carteiro um dia.

Com isso, vou perder a hora marcada no... no... — Ela balançou a cabeça, desanimada. — E então, aonde estou indo mesmo, Cody? Você me deixou tão confusa que não consigo me lembrar de nada.

— A senhora está indo a Tranquility para arrumar o cabelo no salão de Patsy, como faz toda semana — Cody disse, deixando a água com sabão em seus dedos pingar no piso de vinil, enquanto passava por ela, arrastando os pés. — E sua correspondência está ali, na mesinha ao lado do sofá. Está vendo?

Esther imaginou que jamais conseguiria fechar a boca, mas conseguiu. Lá estavam as cartas empilhadas, exatamente onde as deixara. Mas ela podia jurar que, quando olhou para lá momentos antes, não havia nada sobre a mesinha.

Agora havia. Do jeito que ela deixara.

— Você colocou as cartas lá? — ela perguntou a Cody.

— A senhora colocou — ele replicou. — As únicas cartas que costumo pegar são aquelas que vêm de minha tia em Kansas, quando ela escreve para dizer que me ama e que gosta de comer meus legumes. Ela também me manda 10 dólares todos os meses, e eu ponho esse dinheiro na minha conta poupança. Detesto dizer isso, mas a gente não pode ver o dinheiro que está lá no banco, mesmo que peça com gentileza. Sabe de uma coisa, sra. Moore? Outro dia pedi para ver minha conta poupança, e a moça do banco disse que sentia muito, mas eu não podia ver. Ela me contou que a conta no banco não está numa caixa com dinheiro dentro. Não é uma coisa de verdade. São apenas números dentro de um computador. A gente tem de ter fé para acreditar que aqueles números são a mesma coisa que notas de dólar. É como a gente ter fé que Deus é verdadeiro, mesmo sem poder vê-lo.

Esther encarou Cody enquanto pegava a pilha de cartas numa mão e segurava a bolsa na outra. Do que ele falava agora? Sua tia? Conta poupança? Deus?

— Cody, qualquer dia destes você vai me conduzir a um hospício — Esther disse, abrindo a porta da frente.

— Não posso conduzir ninguém, lembra-se, sra. Moore? Ainda não tenho correspondência de motorista.

— Carteira de motorista! — ela gritou por cima do ombro. Em seguida, começou a resmungar. — *Carteira de motorista, não correspondência de motorista.* Aquele pobre coitado é meio retardado. Não sei por que Charlie diz que ele é esperto como um azougue. Ele nunca vai ser nada neste mundo sem a ajuda de alguém, e eu não deveria deixá-lo sozinho em casa.

Equilibrando-se nos saltos do sapato, altos demais para a ocasião, Esther dirigiu-se à garagem e colocou a bolsa e a correspondência sobre o teto do robusto Lincoln automático que ela dirigia havia décadas. Lutando com as chaves do carro, ela tentava descobrir a que abria a porta. O carro era velho demais para uma trava elétrica. Ela não se importava com isso, pois havia tido grande dificuldade para acostumar-se com portas automáticas, controles remotos, telefones celulares, computadores e outros equipamentos do mundo moderno. A tentativa de entender a nova tecnologia levava qualquer um à loucura.

Finalmente Esther abriu o carro e sentou-se ao volante. Com certeza chegaria atrasada em razão de Cody ter espalhado a correspondência por toda a casa. Uma coisa era pedir ao rapaz que tirasse o pó e passasse o aspirador. Mas, se ele continuasse a colocar as coisas onde bem entendesse, Esther teria de conversar com Charlie para dispensá-lo. Afinal, ela limpou a casa durante quarenta e oito anos, e certamente poderia fazer esse serviço por mais um tempo.

Do outro lado da garagem, Esther avistou a casinha que Charlie instalara para as andorinhas vários anos atrás, sobre um poste alto de metal. A casinha estava um pouco inclinada para a esquerda, e Esther pediria a Charlie que a endireitasse. As árvores que

enfeitavam seu grande jardim começavam a mudar de cor. Logo Charlie teria de proteger suas raízes contra o frio e adubá-las.

Enquanto girava a chave na ignição, Esther pensou com orgulho na bela horta de seu marido. Todos os anos eles colhiam os legumes e verduras mais saborosos, mais frescos e mais viçosos da vizinhança. Nada agradava mais a Esther do que oferecer uma caixinha de morangos vermelhos a uma pessoa enferma, com votos de pronto restabelecimento, ou deixar uma cesta surpresa de pimentões e cebolas na varanda de alguém. Ela posicionou a alavanca do câmbio automático na marcha a ré e acelerou.

Assim que o Lincoln começou a sair de ré da garagem, Esther viu sua bolsa escorregar do teto e cair no chão. E agora? Ela pôs rapidamente o câmbio em ponto morto e pisou no freio.

Charlie tinha os pensamentos concentrados em tomates quando fez a curva que levava a sua casa de estrutura de madeira com um gramado muito bem cuidado. Sentindo um pequeno desejo de mudança, ele tentara algumas variedades diferentes de tomate naquele ano. No passado, Esther queria apenas tomates-caqui para os sanduíches e tomates-cereja para as saladas. Charlie, porém, incluía três novas plantas como experimento — tomates-pera vermelhos, amarelos e uns com leve tom arroxeadado. Para sua surpresa, Esther provou os novos tomates e os achou deliciosos, e quis exibi-los no churrasco do Dia do Trabalho de Deepwater Cove.

Tendo decidido fazer uma experiência arrojada com os pimentões na próxima primavera, Charlie estava analisando a diferença entre pimentões doces, anchos e *jalapeños* quando ouviu o som de uma pancada vindo da garagem de sua casa.

Charlie pisou no freio, boquiaberto e sem acreditar no que via. O enorme Lincoln bronze de Esther voou pelos ares e bateu

no muro de concreto de mais de 1 metro de altura que separava a entrada para carros do jardim e caiu com toda a força no gramado, afundando uma boa parte dele. No trajeto, o Lincoln arrancou as duas colunas de madeira que sustentavam o teto da garagem. Agora o capô estava aberto, e a buzina começou a tocar. E o carro continuou, capotando pela grama. Uma coluna de fumaça subia do motor enquanto a tampa do capô abria e fechava como se fosse movida a mola. O Lincoln conseguiu contornar a casa das andorinhas antes de raspar no tronco de um carvalho e esmagar uma noqueira em desenvolvimento. Em seguida, arremessou-se na direção da estreita prainha e da beira do lago, tendo apenas o barracão para bloquear seu caminho.

Com o coração apertado, Charlie estacionou seu carro e abriu rapidamente a porta. Alguém estaria furtando o Lincoln? O carro teria rodado pela entrada de carros sem ninguém dentro? Ou aquela sombra escura no banco do motorista seria sua esposa?

— Esther? — Charlie parou, sem saber para onde ir. Agora o Lincoln ia a toda velocidade em direção ao barracão. Charlie o construía alguns anos antes para guardar ferramentas e o cortador de grama. No momento em que chegou perto da porta do barracão, o carro derivou para a direita.

— Sra. Moore! Sra. Moore, pare! — Cody Gross saiu abruptamente da casa, deu um salto pelos fundos da garagem e passou correndo por Charlie. — Sra. Moore, o correio fica para o outro lado!

Sem ouvir quase nada por causa da buzina que ainda tocava, Charlie viu o carro passar a alguns centímetros do barracão e depois fazer uma curva fechada, inclinar-se na direção do lago mais uma vez e parar de repente ao lado de um arbusto de lilás. A fumaça continuou a sair do capô e água fervendo espirrou no chão. A buzina continuava a tocar, mais alto que nunca.

Cody chegou ao carro cinco passos na frente de Charlie, mas quando o rapaz segurou na maçaneta, a porta pendeu aberta.

Esther levantou-se repentinamente do banco do motorista, abriu caminho para passar por Cody e subiu a encosta com seus sapatos de salto alto.

— Onde está a correspondência? — ela gritou. — Preciso chegar ao correio antes que feche.

— Sra. Moore, a senhora sofreu um acidente! — Cody gritou enquanto ela marchava em direção a Charlie, movimentando os braços, agitada.

— Esther, o que houve? — Charlie segurou-a pelos ombros e forçou-a a parar. — Você está bem, querida? O que aconteceu?

— Não consigo encontrar a correspondência — ela rebateu. — Cody continua a mexer em tudo, e estou atrasada para ir ao correio. Aqueles cartões não irão embora hoje se eu não... — Ela levantou a cabeça e olhou para o marido como se o estivesse vendo pela primeira vez. — Charlie?

— Esther. — Ele a abraçou com força e puxou-a para perto de si. — Ah, meu amor, você me deu um susto e tanto.

— Não sei... Não sei bem o que aconteceu, Charlie.

— Você saiu com o Lincoln pelo lado errado da garagem. Sofreu um acidente, querida. É melhor se sentar.

— Onde está minha bolsa?

— Aqui, sente-se em cima de minha jaqueta.

— Na grama?

— Sim, aqui. Vou ajudá-la. — Charlie tirou sua jaqueta de tecido leve e estendeu-a na grama. Em seguida, ajudou-a a se sentar. — Agora respire fundo, Esther.

— O que Cody fez com meu carro? — Ela olhou firme na direção do barracão. Cody estava com o corpo curvado dentro do

Lincoln, do lado do motorista. Um silêncio ensurdecedor pairou quando ele conseguiu desligar a buzina.

— Veja aquele rapaz — Esther resmungou. — Ele acabou com meu carro. Eu sabia que não deveríamos ter permitido a entrada dele aqui. Você acha que pode confiar em alguém, e depois... Onde está a correspondência, Charlie? Tenho de ir rápido ao correio. E meu cabelo. Oh, céus, tenho hora marcada no salão e estou atrasada.

Enquanto Esther consultava o relógio, Charlie notou uma mancha no pulso dela.

— Você se machucou! Esther, querida, deixe-me ver o outro braço. Ah, que lástima, meu amor, você está toda machucada.

— Esther? Charlie, o que aconteceu?

Ele levantou a cabeça e viu sua vizinha, Kim Finley, atravessando o gramado com passos rápidos, seguida dos gêmeos.

— Charlie, Esther está bem?

— Ouvimos uma batida! — Lydia disse em voz alta.

— O teto da garagem está caindo, sra. Moore — Luke complementou enquanto os três se aproximavam do casal sentado na grama. — As duas colunas de madeira no meio despencaram.

Atrás deles, Charlie avistou Brenda Hansen e Miranda, sogra de Kim, caminhando em direção à cena. De repente, parecia que metade da vizinhança estava se dirigindo à casa dos Moores.

— Gostaria que Derek estivesse aqui — Kim exclamou ao ajoelhar-se na grama aos pés de Esther. — Ele foi treinado em primeiros socorros. Charlie, parece que ela bateu a cabeça. E o rosto está começando a inchar.

— Rosto de quem? — Esther perguntou, olhando de uma pessoa para outra. — O que está errado? O que aconteceu?

— Você saiu pelo lado errado da garagem — Cody lhe disse. — Você queria ir para trás, mas foi para a frente. Precisamos ligar

para a emergência agora, porque é o que se deve fazer quando alguém sofre um acidente. Mesmo que a pessoa não pareça muito machucada, pode estar ferida por dentro, e é por isso que precisa ser examinada por um médico. Vi isso na TV quando estava na casa da minha tia. Disseram que é preciso chamar a ambulância de qualquer jeito.

— Já chamei. — Brenda Hansen, agachada ao lado de Esther, segurou-lhe a mão. — Você se lembra de ter entrado no carro?

— Bom, é o que estou tentando dizer a todo mundo. Preciso ir ao correio. E Patsy está me esperando para pentear meu cabelo.

Um nó começou a formar-se na garganta de Charlie, mas ele tentou falar assim mesmo.

— Depois que você entrou no carro, querida, por que engatou D em vez de R?

Esther olhou firme para ele, com os olhos azuis turvos.

— Eu fiz isso?

— Você se lembra de ter saído pelos fundos da garagem?

— Vi a casa dos passarinhos; só isso. — Ela piscou algumas vezes e, depois, olhou para o local em que o carro jazia, emitindo nuvens de fumaça. — Olhei para cima, e a casa dos passarinhos começou a vir em minha direção, por isso virei um pouco o volante. E vi uma árvore.

— Duas árvores — Charlie disse. — A senhora fez uma manobra estranha, sra. Moore. Passou pela casa dos passarinhos, pelas árvores e até pelo barracão.

— O que você sabe...

— Sei que a senhora quase nos deixou surdos! — Cody exclamou. — Meu ouvido ainda está zunindo. Mas fiz a buzina parar, e aqui estão as chaves. Desliguei o motor, fiz tudo sozinho.

Charlie pegou as chaves. O Lincoln não iria a lugar nenhum tão cedo, se é que voltaria a rodar, ele imaginou. A frente do carro

parecia uma sanfona, e o cheiro de radiador furado ainda pairava no ar fresco do fim da tarde.

— Estou ouvindo a ambulância — Esther disse. — Oh, céus, não acho necessário. Mas é melhor ir até lá e agradecer por eles terem vindo até aqui.

Quando Esther se movimentou, Charlie viu o lindo rosto da esposa contorcer-se de dor.

— Continue sentada aqui comigo, Esther — ele disse, passando o braço ao redor dela. — Só nós dois. Vamos continuar aqui juntos, e tudo vai ficar bem.

Depois do sol forte e das altas temperaturas do verão, é a vez do outono mudar a paisagem, trazer novas cores e grandes mudanças para a vida dos habitantes de Deepwater Cove.

Esther e Charlie Moore percebem que a vida feliz que construíram ao longo de quase cinquenta anos de união começa a desmoronar, especialmente depois de um grave acidente de carro sofrido por ela, que deixa sua saúde debilitada.

O casamento — que até então era modelo de perfeição — demonstra sinais de que o gelo do inverno se aproxima como nunca antes. Eles e outros casais dessa pequena cidade do Missouri terão de redescobrir o amor e se esforçar para salvar seus relacionamentos.

Incertezas de outono é o terceiro livro de uma série de ficção baseada no *best-seller* *As quatro estações do casamento*, de Gary Chapman.



MC
mundocristão